



A PEDOF(AM)ILIA MODERNA: NOTAS FOUCAULDIANAS SOBRE UM CASO DE PEDOFILIA*

Fábio Luiz Lopes da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

pgl@cce.ufsc.br

RESUMO: Recentemente, as polícias americana e européia desbarataram uma rede de pedofilia em que os próprios pais trocavam uns com os outros fotos pornográficas de seus filhos. Pois bem: repulsa é o mínimo que sentimos frente a casos como esse. Mas de onde virá tal nojo? Ora, a tendência é explicá-lo com base na interdição ao incesto. Contudo, a partir das observações de Foucault acerca da genealogia da família moderna, pretendo questionar essas explicações usuais. Para começar, tentarei mostrar que a constituição da família moderna, em sua vertente burguesa, é parte de um jogo de diferenciações em face da subjetividade e da sexualidade proletárias. Depois disso, argumentarei que é justamente esse jogo de diferenciações o que se encontra ameaçado pelo comportamento dos pais pedófilos da Internet. Por fim, procurarei sustentar que o nojo em face deles vem da recusa em aceitar a suspensão do sistema de diferenciações a que eu me referia.

ABSTRACT: Recently, American and European polices dismantled a gang of parents whose fetish was to trade one another pornographic pictures of their own children. This kind of case is evidently disgusting. But how can this repulse be explained? We tend to hypothesize that this feeling is a consequence of the interdiction of incest. However, based on the Foucauldian genealogy of modern family, I will make an attempt to object to this usual explanation. Firstly, I will argue the constitution of modern family is, for upper classes, a mechanism of differentiation from proletarian subjectivity and sexuality. Additionally, I will argue that the very basis of this system of differentiations collapses in virtue of the case analyzed in my essay. In fact, this collapse is the disturbing and disgusting aspect of the case.

PALAVRAS-CHAVE: Pedofilia – Família moderna – Genealogia do poder

KEYWORDS: Pedophilia – Modern family – Genealogy of power

Recentemente, na esteira de um certo número de denúncias mais ou menos semelhantes, divulgou-se o caso de uma rede eletrônica de pedofilia em que os próprios pais trocavam uns com os outros fotos pornográficas de seus filhos.¹

* Agradeço aos pareceristas da Revista Fênix pelas importantes modificações sugeridas. Procurei atendê-las todas, o que – suponho – tornou este ensaio palatável.

** Professor do Departamento de Letras e da Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Ver, por exemplo, reportagem publicada na **Folha On Line** de 09 ago. 2002.

Pois bem: horror é o mínimo que sentimos diante do episódio – mas o que exatamente provoca esse afeto?

Ora, dir-se-ia que não há aí nenhum enigma: a repulsa deve advir daquilo que entre nós subsiste como a própria condição de haver sociedade, isto é, a boa e velha interdição ao incesto e seu prolongamento na forma do tabu da infância.

De minha parte, gostaria, entretanto, de problematizar essa resposta tão imediatamente disponível. Para tanto, um bom começo estaria em trazer à discussão um elemento levantado por Michel Foucault em *Os anormais*: o caráter incestuoso e, se quiserem, pedofílico, da família burguesa.

O nascimento da família burguesa

Meados do século XVIII: a masturbação passa a ser representada como um perigo terrível. Ato contínuo, mobiliza uma apaixonada campanha a propósito de erradicá-la.

Em todo caso, não se trata de um investimento propriamente moralizador: o destino anunciado aos onanistas não diz respeito à perda da alma mas ao esgotamento do corpo, atravessado por múltiplas doenças. Não por acaso, os grandes capitães dessa cruzada são os médicos.

Na outra ponta, como alvo preferencial da campanha, está a criança – e entre ela e o médico, figuram os pais, a quem é dirigida uma panóplia de manuais, mementos e exortações públicas em que a masturbação surge cada vez mais claramente como “uma etiologia difusa, geral, polimorfa”², capaz de engendrar qualquer patologia, mesmo aquelas que se manifestam muito tempo depois de o sujeito ter eventualmente renunciado aos chamados hábitos solitários.

Foucault chama a atenção para o fato fundamental de que, no discurso dos médicos da época, não há uma causalidade endógena para a masturbação. Isso quer dizer que, para eles, a origem do onanismo entre as crianças só pode estar no exterior, na forma de um acidente ou – o que é mais importante – por força da incitação voluntária de alguém que se coloca entre “a virtude dos pais e a inocência das crianças”.

Conclusão de Foucault:

Toda a campanha contra a masturbação se orienta desde cedo, desde o início, podemos dizer, contra a sedução das crianças pelos adultos;

² FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001, p. 305.

mais ainda do que pelos adultos, pelo *entourage* imediato, isto é, todos os personagens que constituem na época as figuras estatutárias da casa [tios, primos, criados, preceptores, professores, amas].³

Como se responde a essa ameaça – pedofílica, por assim dizer – representada pela circulação de certos adultos entre as crianças? Ora, a mensagem dos médicos é, nesse sentido, clara: se a desgraça acontece, é porque, no fundo os pais a permitem, seja por preguiça, seja por distração, seja por absenteísmo. A partir de agora, cabe-lhes, portanto, vigiar permanentemente o corpo do filho – é preciso eliminar os intermediários, diminuir as distâncias, perscrutar os gestos furtivos, farejar os cheiros suspeitos, meter-se, no limite, na cama dele, envolver-lhe como um cobertor.

Ora, Foucault não poupa palavras para qualificar a natureza dessa aplicação direta e permanente dos corpos dos pais aos corpos dos filhos: para o filósofo francês, trata-se, sem mais, de uma relação incestuosa – um “incesto epistemofílico”, um “incesto bolinante dos olhares e dos gestos”, um “incesto do contato, do olhar, da vigilância”.⁴ Ao fim e ao cabo, os pais trocam a pedofilia *possível* do *entourage* doméstico pela presença *permanente e real* do próprio apego corporal às crianças.

De resto, é no seio dessa mistura incestuosa de corpos que a moderna família burguesa surge: sai de cena a grande unidade descrita, por exemplo, por Gilberto Freyre; entra, em seu lugar, a família-célula, reduzida, nuclear, afetivamente intensa – a “família-canguru”⁵, com os filhos no centro e, em torno deles, como uma segunda pele, apenas os corpos dos pais.

Mas isso ainda não é tudo o que eu gostaria de dizer sobre a genealogia foucauldiana da família moderna.

A sexualidade do proletariado

Parece óbvio que o desenvolvimento do capitalismo tenha exigido um desvio geral das energias sexuais para o trabalho. No entanto, é precisamente pela contestação dessa idéia tão bem aceita que Foucault começa a escrever a sua versão pessoal da história da sexualidade.

³ FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001, p. 309.

⁴ Ibid., p. 316.

⁵ Ibid., p. 315.

Em particular, um dado maciço está no princípio da revisão histórica empreendida pelo filósofo francês: trata-se do fato de que a moderna atenção ao sexo passou inicialmente ao largo das classes trabalhadoras. Na verdade, a burguesia tomou-se a si mesma como objeto exclusivo dos primeiros investimentos dirigidos à carne e a seus prazeres.

Repressão sexual do proletariado? Pelo contrário:

Deve-se suspeitar, nesse caso, de auto-afirmação de uma classe, e não de sujeição de uma outra: uma defesa, uma proteção, um reforço, uma exaltação, que [só] mais tarde foram estendidos – à custa de diferentes transformações – aos outros, como meio de controle econômico e sujeição política.⁶

Como se, em torno e a propósito do sexo, a burguesia organizasse primeiramente um cuidado de si cujo efeito fundamental teria sido a valorização contínua do próprio corpo. Um pouco à maneira do sangue da nobreza, o sexo precioso e frágil da burguesia foi, para Foucault, uma alavanca importantíssima no processo pelo qual esses homens e mulheres puderam se diferenciar como classe e estabelecer sua hegemonia.

Eis, inclusive, por que lhes será tão difícil “reconhecer um corpo e um sexo nas outras classes”.⁷ De fato, esse reconhecimento só acontece a partir da primeira metade do século XIX, quando, em todo caso, o capitalismo já se encontra plenamente consolidado.

Um bom exemplo desse “atraso” refere-se justamente ao tema estabilização da família nuclear, cuja vertente burguesa eu estive há pouco percorrendo. Ora, o que acontece do lado do operariado? A verdade é que, durante todo o século XVIII e uma parte do século XIX, a burguesia só se envolveu com a coagulação das próprias famílias, e até se beneficiou da mobilidade permitida pelo caráter transitório dos casamentos proletários. Chegou, entretanto, o tempo em que certas condições sócio-econômicas⁸ impuseram a necessidade de fixação do trabalhador. Resultado: campanhas

⁶ FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 116.

⁷ Ibid., p. 119.

⁸ A respeito dessas condições sócio-econômicas, Foucault (1988, p. 119) diz o seguinte: “Para que o proletariado fosse dotado de um corpo e de uma sexualidade [...] foram necessários conflitos (especialmente com respeito ao espaço urbano: coabitação, proximidade, epidemias como a cólera de 1832 ou, ainda, a prostituição e as doenças venéreas); foram necessárias urgências de natureza econômica (desenvolvimento da indústria pesada, com a necessidade de uma mão-de-obra estável e competente, obrigação de controlar o fluxo de população e obter regulações demográficas); foi

moralizadoras em favor da união estável, em que não faltaram incentivos financeiros, como é o caso da concessão de empréstimos apenas aos proletários que fossem chefes de família regular.

Em todo caso, ao ser politicamente obrigada a estender a atenção ao corpo e ao sexo dos operários, a burguesia se vê diante do seguinte problema: desaparece, com a universalização da sexualidade, aquela linha demarcatória que, no século anterior, garantira aos burgueses o seu sinal de distinção e superioridade. Ora, como a questão foi resolvida?

A nova linha demarcatória

Segundo Foucault, é preciso ter em conta o fato de que à universalização da sexualidade correspondeu a formulação e a difusão do que ele chama de hipótese repressiva, isto é, a idéia de que nossa cultura não fez senão reprimir o sexo.

Para o filósofo francês, parece claro que esse discurso que lamenta e denuncia a repressão pretendeu e de fato conseguiu referir-se a “todo o dispositivo da sexualidade dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada”.⁹ Mas, ao mesmo tempo em que se referia a tudo e a todos, a teoria da repressão teria criado, por meio da análise que ela articula, “um jogo diferencial das interdições, de acordo com as classes sociais”.¹⁰

Foucault supõe, então, que um novo mecanismo de diferenciação se elabora: na impossibilidade de afirmar-se pela qualidade ‘sexual’ de seu corpo, a burguesia passará a se orgulhar da intensidade com que ela supostamente se fez reprimir sexualmente:

Do discurso que dizia, no fim do século XVIII: ‘Existe em nós um elemento de valor que se deve temer e poupar, a que devemos prestar todos os cuidados se não quisermos que engendre males infinitos’, passou-se a um discurso que diz: ‘Nossa sexualidade, por oposição à dos outros, está submetida a um regime de repressão tão intensa que o perigo agora está nisso; não somente o sexo é um segredo temível, como não cansaram de dizer às gerações precedentes os diretores espirituais, os moralistas, os pedagogos e os médicos, não somente é preciso desencavar sua verdade, mas se ela carrega consigo tantos perigos, é porque – por escrúpulo, senso aguçado do pecado ou hipocrisia, como quiserem – o reduzimos ao silêncio por tempo demais’.

necessária, enfim, a instauração de toda uma tecnologia de controle que permitia manter sob vigilância esse corpo e essa sexualidade que finalmente se reconhecia neles (a escola, a política habitacional, a higiene pública, as instituições de assistência e previdência, a medicalização geral das populações [...]).

⁹ FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 120.

¹⁰ *Ibid.*, p. 121.

De resto, a psicanálise teria dado forma final a esse novo mecanismo de diferenciação. Perdeu a burguesia o privilégio exclusivo de se preocupar com a própria sexualidade? Que se lhe conceda um outro privilégio exclusivo: o de experimentar mais do que os outros o poder da repressão e, em acréscimo, dispor do método capaz de eliminar o recalque.

Ora, essa crítica geral à psicanálise mereceu da parte de Foucault alguns desdobramentos mais específicos, concernentes ao tema – já mencionado – da constituição da família nuclear. São precisamente esses desdobramentos que procurarei recensear agora.

A psicanálise no jogo da estabilização da família

Ao fim do século XIX, pode-se constatar a presença maciça do que Foucault caracteriza como “uma espécie de modelo familiar [...] interclasses”.¹¹ Afinal, tanto do lado da burguesia quanto do proletariado, a família ficou reduzida ao que ainda hoje ela é: fundamentalmente, os pais e seus filhos.

Ocorre que, para Foucault, essa forma comum, interclasses, é apenas uma “casca abstrata”¹² que, a rigor, esconde duas realidades diversas. E, ao dizer isso, o filósofo francês tem em mente, para começar, o fato de que, como tentei mostrar, os processos históricos que levaram à formação da família nuclear burguesa não coincidem, nem na substância nem na cronologia, com os processos de constituição da família nuclear operária.

Mas, para mim, o sentido mais importante da observação refere-se a um outro elemento, que procurarei explicar abaixo.

De saída é preciso dizer que a campanha de estabilização da família nuclear operária foi complementada e corrigida por uma outra, que tratou de infundir a seguinte mensagem: “nesse espaço familiar agora sólido, não se misturem, distribuam-se, toquem-se o mínimo possível”. Campanha contra o incesto, sem dúvida – mas, é bom que se sublinhe, um incesto que remete ao apetite perigoso dos pais ou, em todo caso, dos mais velhos.

¹¹ FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001, p. 344-345.

¹² *Ibid.*, p. 345.

Já no campo da família burguesa, nenhuma campanha contra o incesto foi deflagrada. Antes, o inverso é que é verdade: como tive ocasião de mencionar, os pais foram incitados a se aproximar incestuosamente de seus filhos. Não obstante, é indispensável acrescentar que essa aproximação não se deu sem culpa – e essa culpa, por sua vez, certamente precisava ser aplacada para que a máquina social seguisse funcionando. Ora, o discurso sobre a sexualidade infantil cai como uma luva nesse contexto. Por volta de 1840, a *Psycopathia Sexualis* já nomeava (em latim, mas, ainda assim, abertamente) a atividade erótica infantil – contudo, é mesmo a psicanálise que vai conferir centralidade ao conceito, garantindo por meio dele, a absolvição dos pais:

Durante mais de um século, tinha-se pedido aos pais para se aproximarem de seus filhos; tinha-se ditado a eles uma conduta de aproximação incestuosa. Eis que, ao cabo de um século, desculpam os pais precisamente da culpa que, no limite, eles podiam sentir por descobrir assim o corpo desejante dos filhos, e lhes dizem: ‘Não se incomodem, não são vocês que são incestuosos. O incesto não vai de vocês a eles, da indiscrição de vocês, da curiosidade de vocês pelo corpo deles que vocês desnudaram; é o contrário: é deles a vocês que vai o incesto, pois são eles que começam, desde a origem, a desejar vocês’.¹³

De novo, diferenciação social no domínio da sexualidade: de um lado, o pai operário, sempre a um passo de molestar os filhos; de outro, por obra e graça da psicanálise, o pai burguês, diligente e inocente diante da sexualidade inquieta da prole.

A pedofilia, a sexualidade burguesa e a sexualidade operária

Hora de retomar a pergunta que está na origem deste trabalho: de onde vem o horror que sentimos frente ao caso, recentemente divulgado, da rede de pais que trocavam eletronicamente fotos pornográficas dos próprios filhos?

Desde o início, descartei certas possibilidades de responder a essa dúvida – e agora vê-se mais claramente por quê: a família burguesa *nasce e se mantém* ao preço de um atrito insistente e insidioso dos corpos de pais e filhos.

Não que, com isso, o tabu da infância e o tabu do incesto tenham perdido toda a pertinência. Em compensação, parece estar claro que não é direta nem preponderante a relação dessas proibições com o moderno horror à pedofilia.

¹³ FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001, p. 339.

Se se quiser permanecer no campo foucauldiano, é preciso ir bem além dessa referência a interdições supostamente fundantes: adeus às explicações deontológicas e etnológicas. Adeus, também, é claro, às explicações psicanalíticas, com sua tentativa de articular a lei ao desejo pela via do recalque.

Creio, em todo caso, que esse horror tenha, sim, que ver com um certo recalque – não, no entanto, o recalque de que nos fala a psicanálise, mas um outro, que ela, na verdade, teria produzido.

Fiz menção ao fato de que, para Foucault, a teoria psicanalítica da sexualidade infantil teve uma função consoladora: ela exorcizou – ou, se quiserem, recalcou – a idéia de que, em seu cerco aos filhos, os pais pudessem estar sendo incestuosos. Ora, parece-me que é precisamente a barra desse recalque o que o episódio de pedofilia em questão vem levantar, como se, por força do exemplo que os pais eletronicamente perversos oferecem, reconhecêssemos, escandalizados, o caráter estruturalmente pedofílico e incestuoso da moderna família burguesa.

Mas não creio que a nossa grande dor seja simplesmente um efeito desse auto-reconhecimento que os pais pedófilos da Internet nos proporcionam.¹⁴ Antes, o núcleo duro do escândalo estaria mais exatamente em depararmos-nos com o fato de que, se nos reconhecemos incestuosos e pedofílicos, então não nos distinguimos do retrato que fizemos dos pais proletários, sempre tomados precisamente como perversos.

Resumo da ópera: por meio do recalque, a psicanálise fabricou a inocência dos pais burgueses e, mais que isso, os diferenciou dos pais proletários; ora, quando cai o recalque, cai a diferença – e sobrevém o horror de não poder se diferenciar, no campo da sexualidade, do proletariado.

Daí talvez esse sentimento tão recorrente de que a nossa sociedade esteja saturada por uma vulgaridade geral que lastimamos o tempo todo, mas da qual não conseguimos nos livrar. E quando digo isso, tenho em mente, por exemplo, as nossas incansáveis imprecizações contra a qualidade da televisão, cuja programação, no entanto, consumimos avidamente. A propósito, gostaria de me deter um pouco nessa imagem da família – burguesa ou operária, aqui já não importa – diante da televisão ou, antes, atravessada por ela.

¹⁴ E aqui começo a marcar a diferença do caso analisado em relação a outros episódios ligados à pedofilia. Agradeço, aliás, a Cláudia Drucker por sugerir o acréscimo desta nota ao texto.

Segundo Foucault, houve um tempo em que o pequeno drama sexual da família burguesa tinha uma única testemunha: o médico. No caso da família operária, tratava-se do juiz ou do policial. Quanto ao que acontece hoje, de certo modo, é a televisão que nos olha a todos.¹⁵

No fim das contas, habitamos a mídia – e, nesse sentido, os *reality shows* são apenas um espelho, mas um espelho tranquilizador, em que as crianças, como os vampiros, não se refletem. Refletem-se, entretanto – mas agora de uma forma exasperada –, naquelas famílias cibernéticas que trocam fotos de seus filhos.

Eu me pergunto se, afinal, não é isso que, em grande medida, somos atualmente: famílias eletrônicas *enredadas*, hipotecadas ao midiático.



www.revistafenix.pro.br

¹⁵ Nietzsche: “Quando olhamos por muito tempo para o abismo, é ele que passa a nos olhar”.